



**ENTREVISTA COM O PROF. JUSSI VÄLIMAA:
EDUCAÇÃO SUPERIOR NA FINLÂNDIA, UNIVERSIDADE E
COLEGIALIDADE EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO**

INTERVIEW WITH PROF. JUSSI VÄLIMAA:
FINNISH HIGHER EDUCATION, UNIVERSITY AND
COLLEGIALLY IN TIMES OF GLOBALIZATION

ENTREVISTA AL PROF. JUSSI VÄLIMAA:
EDUCACIÓN SUPERIOR EN FINLANDIA, UNIVERSIDAD Y
COLEGIALIDAD EN TIEMPOS DE GLOBALIZACIÓN



*Bernardo Sfredo Miorando¹
Jussi Välimaa²*

Talvez o principal autor a estudar universidades na Finlândia, o Professor Jussi Välimaa se descreve como “um historiador com imaginação sociológica estudando educação superior”.

A formação em história se deu nos níveis de bacharelado, mestrado e licenciaturaⁱⁱ, enquanto a imaginação sociológica está ligada ao doutorado em política social. Todos os graus foram obtidos em sua *alma mater*, a University of Jyväskylä, na região central da Finlândia. As raízes da instituição estão no primeiro seminário de formação de professores do país a educar em língua finlandesa, e até hoje a Universidade ocupa uma posição de liderança na formação e na pesquisa em educação. É nesse contexto que se inscreve o Instituto Finlandês de Pesquisa Educacional (FIER, na sigla em inglês).

Após quase três décadas dedicando-se ao tema da educação superior, e tendo se tornado professor titular da área em 2001, Jussi Välimaa assumiu em 2017 a posição de Diretor do FIER. Nesse Instituto, já havia fundado o grupo de pesquisa *Higher Education Studies* (HIEST) e liderado a linha de pesquisa *Educational Systems and Society*.

Submetida em: 10/01/2018 - **Aceita em:** 24/01/2018 - **Publicada em:** 06/03/2018.

Fonte da foto: Acervo pessoal J. Välimaa.

© Rev. Inter. Educ. Sup.

Campinas, SP

v.4

n.2

p.468-481

maio/ago. 2018

Entre outras posições, foi um membro fundador do *Consortium of Higher Education Researchers in Finland* (CHERIF), liderando-o de 1999 a 2007. Ele também é membro do *Consortium of Higher Education Researchers* (CHER), associação que presidiu de 2014 a 2017, e da *Association for the Study of Higher Education* (ASHE). Ele foi membro do *Finnish Higher Education Evaluation Council* (FINHEEC) de 2008 e 2009 e coordenou a avaliação dos cursos superiores internacionais na Finlândia desempenhada pelo FINHEEC em 2012-2013. Ele também foi editor do periódico *Higher Education* por nove anos, até 2017.

A entrevista aconteceu no final de dezembro de 2017, no prédio de Ruusuisto, onde o FIER está sediado, junto à Universidade Aberta e à Faculdade de Educação e Psicologia da University of Jyväskylä. Neste diálogo, o Professor Jussi Välimaa fala sobre vários aspectos da educação superior finlandesa, como os traços históricos que a modelaram, a cena atual da pesquisa em educação superior na Finlândia, internacionalização da educação superior e os fundamentos da cultura acadêmica colegial.

Quem é Jussi Välimaa?

Jussi Välimaa: Bem, se eu tentar pensar nisso de maneira brasileiraⁱⁱⁱ, sou um homem branco de sessenta e poucos anos. Venho trabalhando em universidades desde 1984. Principalmente na University of Jyväskylä, mas também passei breves períodos desenvolvendo pesquisa nos Estados Unidos, no Japão, na Holanda. E estou no campo da educação superior desde o final da década de 1980. Sou agora um professor de pesquisa educacional e diretor do Instituto Finlandês de Pesquisa Educacional. Sou um historiador com imaginação sociológica estudando educação superior. Formei-me como historiador e defendi minha tese no campo da política social. Tenho estudado a educação superior como fenômeno social.

Você vem estudando os fenômenos da educação superior há algumas décadas. Qual é o papel da educação superior em projetos nacionais?

Jussi Välimaa: Diria que em toda sociedade organizada há necessidade de educação superior. Há a necessidade de educar as gerações mais jovens, educá-las, socializá-las em suas sociedades. No mundo contemporâneo, no mundo moderno, há também a necessidade da pesquisa de mais alto nível. Então, o papel da educação superior tem importância crucial no bem-estar das sociedades contemporâneas. Mas como se organiza essa função social de educação e pesquisa? Isso varia bastante. Exploramos essa variação com a ajuda de diferentes ideias de universidade.

Por exemplo, a ideia anglo-americana de universidade é muito baseada na sociedade livre, como é entendida nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, e na regulação pelo mercado. O modelo europeu continental tradicional tem um relacionamento crucial entre as universidades – e outras instituições de educação superior – e o Estado. No modelo francês, a faceta

republicana é basicamente muito aberta e democrática, mas na prática, trata-se de um modelo muito estratificado, com as *écoles normales*^{iv} no topo do sistema. Essas *écoles normales* são muito seletivas, enquanto as universidades não são nada seletivas.

Então, as respostas para a questão de “como a educação superior é organizada?” são muito diferentes. E isso também tem consequências quando pensamos sobre autonomia institucional ou liberdade acadêmica. No modelo anglo-americano – ou modelo de Westminster, como Simon Marginson^v o chama – a liberdade acadêmica descreve mais ou menos as relações com as forças de mercado. No modelo continental, ela descreve o relacionamento com o Estado, de forma mais acentuada no modelo francês. Portanto, mesmo esses entendimentos básicos de autonomia institucional são compreendidos de forma muito diferente nas diversas partes do mundo. E então, quando vamos para o Oriente – para o que Simon Marginson chamou de modelo Confuciano –, a forma de pensar e a ideia de educação na sociedade são toda uma outra história. Tradicionalmente, há uma grande valorização da educação e de uma boa vida construída através da educação. No mundo globalizado contemporâneo, essa forma de pensar levou a práticas de escolarização opressivas, em que famílias tentam forçar suas crianças a ir para as melhores escolas, para que possam ingressar nas melhores universidades e ter uma vida de sucesso.

E a ideia finlandesa de universidade?

Jussi Välimaa: Eu preferiria chamar de ideia nórdica de universidade. Bem, é o modelo nórdico com cinco exceções^{vi}, como se diz. A exceção finlandesa tem algumas similaridades com os modelos norueguês e sueco. Na Finlândia, a educação superior desempenhou um papel crucial na construção do Estado-nação porque 200 anos atrás, a Finlândia era parte do Império Russo. Foi parte do Império Russo por 100 anos e esteve sob domínio sueco por 700 anos antes disso. Então, durante esses 100 anos, a Finlândia criou todas as instituições necessárias para a sociedade civil. E a universidade treinava os servidores públicos basicamente para todas as diferentes instituições necessárias à sociedade civil.

Ideologicamente, a universidade faz parte muito fortemente do nascimento e da emergência do nacionalismo finlandês. E o nacionalismo finlandês é uma história interessante, porque é uma história de um nacionalismo criando uma nação: sua identidade, sua cultura, sua história. E a universidade desempenhou um papel realmente importante em todos esses processos: construir a nação Finlandesa, desenvolver a língua finlandesa em uma língua que possa ser usada em todos os campos da sociedade – uma vez que ela costumava ser uma língua utilizada pelos camponeses e pelos estratos mais baixos da sociedade. Algo como as línguas indígenas na América do Sul. E se você pensa a partir dessa perspectiva, precisa desenvolver um vocabulário, desenvolver conceitos, sistematizar a gramática. E então tudo isso precisa ser feito de modo que não apenas as pessoas comuns, mas também os eruditos passarão a utilizar essa língua. Esses processos ocorreram na Finlândia no século XIX. E a universidade estava no núcleo deles.

Outra parte importante do processo foi a formação de professores porque os professores, para mais ou para menos, foram os agentes modernizadores na sociedade finlandesa; porque eles iam para as vilas rurais e educavam a nação em uma forma nacionalista e cristã^{vii}. Então, na versão finlandesa, a universidade tem sido entendida como uma forte instituição cultural. Na Finlândia, a educação superior foi e é uma instituição cultural e social muito importante no desenvolvimento do Estado-nação.

Impressiona-me como a universidade finlandesa tem a particularidade de uma instituição não apenas para civilizar o povo, mas também para popularizar a noção de civilização. Ela construiu uma relação diferenciada entre o que é modernidade e o que é tradição, no sentido de que modernização estava ligada a retomar e reavivar o idioma e os usos tradicionais do povo finlandês.

Jussi Välimaa: Sim, e os mecanismos pelos quais isso aconteceu envolveram acadêmicos e servidores públicos começando a estabelecer associações científicas em todos os campos, da biologia a letras e cultura. E em todas essas associações científicas, eles começaram a publicar em finlandês, textos científicos em finlandês. O que significou que eles precisaram desenvolver os conceitos em finlandês para poder escrever em finlandês sobre biologia ou astronomia ou geografia, ou história ou cultura popular. E esse tipo de desenvolvimento foi realizado de uma forma muito nacionalista. Porque o movimento político-cultural do Fennomans^{viii} objetivava de fato não apenas educar o povo, educar a nação, mas também nacionalizar os educados. Então, eles tinham ambas as linhas de ação. E, é claro, esse tipo de processo, que desafia a classe dominante, que era de expressão sueca, foi cheio de conflitos, problemas, e, portanto não foi um processo fácil.

Como se apresenta o papel nacional das universidades finlandesas hoje?

Jussi Välimaa: Gostaria de dizer que o papel nacional das universidades finlandesas ainda está por aqui. É uma de suas camadas históricas. E quando seguimos os debates sobre a importância de publicações em língua finlandesa, da importância de colocar periódicos de língua finlandesa na categorização de publicações^{ix}, esse debate ecoa os debates das décadas de 1840, 1850. Então, esse papel nacional não desapareceu, mas se enfraqueceu. E ele está sendo desafiado pela globalização, por políticas neoliberais, pela racionalidade econômica, a perspectiva econômica de ver a sociedade da perspectiva da produtividade, eficiência, impactos. Não necessariamente da perspectiva de produzir lucro, mas de agir de uma maneira racional e efetiva de modo que o dinheiro do contribuinte não seja desperdiçado. Portanto, nesse tipo de camada histórica, que na universidade se relaciona em proximidade com o gerencialismo – porque a nova gestão pública é o modismo gerencial na universidade e nas sociedades. Então, isso parece estar tomando conta, mas não estou certo de que conseguirá de fato tomar conta. Penso que antes cria uma nova camada sobre entendimentos nacionalistas pré-existentes acerca da universidade e da educação superior. E dependendo das disciplinas,

dependendo das universidades e politécnicas^x, ela desempenha um papel diferente. E parece ser um papel dominante, mas ainda veremos.

Em meio a esse conflito social, pode a universidade ser um agente na cena política nacional?

Jussi Välimaa: Penso que é necessário olhar para quem são os atores na cena política nacional, ou melhor, nas cenas políticas nacionais. Acredito que no campo da formulação de políticas de educação superior, as universidades são atores de verdade. Outros atores nesse campo são sindicatos, estudantes, representantes dos empregados e instituições de educação superior. Então, quando tento responder essa questão, eu devo prestar atenção ao fato de que as universidades não são entidades monolíticas. Universidades têm interesses conflitantes dentro de si. Então, a questão “quem é a universidade?” é crucial aqui. A universidade são os reitores das universidades? Bem, eles têm sua própria associação, UNIFI^{xi}, que tenta agir como representante das universidades finlandesas. Mas então, temos os acadêmicos, e ainda temos acadêmicos que atuam como intelectuais públicos, que abordam questões políticas importantes na sociedade. Temos pesquisadores. É comum que especialistas das universidades sejam entrevistados pela imprensa. Tem havido tentativas de reformar nosso sistema de saúde e assistência social – se chama SOTE^{xii}, reforma de SOTE – e essa tentativa está transcorrendo há uns dez anos. E professores universitários e pesquisadores são continuamente entrevistados como especialistas nesse processo. Então, gostaria de dizer que sim, universidades têm algum papel, mas os acadêmicos na sociedade finlandesa ainda têm um papel importante em nossos debates públicos. Esse papel tem sido desafiado, mas ele ainda existe e os intelectuais são ouvidos como especialistas em seus campos.

Quais as principais tendências da pesquisa em educação superior na Finlândia hoje?

Jussi Välimaa: Penso que a pesquisa em educação superior na Europa e na Finlândia é muito influenciada pelas políticas nacionais de educação superior, porque é dali que em parte vem o dinheiro e onde está o interesse público. Quando dizemos que temos um sistema muito igualitário de educação superior, é possível formular essa ideia em questões de pesquisa: “temos de fato um sistema igualitário de educação superior?”; “temos um acesso igualitário à educação superior?”; “quem tem acesso à educação superior?”; “quais são os fatores contextuais que apoiam o acesso à educação superior?”. Os valores sociais cruciais da igualdade realmente influenciam nossos interesses de pesquisa: é o interesse da sociedade que está em jogo. Então, esse é um dos interesses de longo prazo na educação superior finlandesa. Outro tema permanente é a perspectiva pedagógica: “como ensinar melhor nas universidades?”; “o que é aprendizagem na educação superior?”; “o que é essa relação?”. O terceiro tema, que é representado pelos acadêmicos em administração pública, são os processos de gestão, liderança e tomada de decisão.

Como coloquei: quais são os valores da sociedade? Quais os interesses públicos em relação à educação superior? Eu presumiria que isso influencia a pesquisa em educação superior realizada em todas as nações. Mas os interesses e valores da sociedade podem ser diferentes. Bem, se você pensa sobre os Estados Unidos, eles têm milhares de livros sobre liderança e gestão. Na Finlândia, estamos apenas começando a ver alguma coisa nesse sentido. Mas por que é tão importante nos Estados Unidos? Porque, para eles, a universidade ou a faculdade é a unidade de análise principal para a pesquisa. É essa unidade que eles reconhecem como entidade. E no contexto do capitalismo americano, gestão e funcionamento eficiente dessa entidade socioeconômica são realmente importantes. Na Europa continental, isso não era tão importante, porque as instituições de educação superior eram parte do aparelho de Estado. Então, elas eram reguladas pelas leis e a posição dos funcionários era a de servidores públicos. E não havia de fato muito espaço para gestão institucional. Na maior parte dos países europeus e na Finlândia, isso mudou. Então, agora nossos legisladores tentam tornar as universidades organizações independentes do aparelho de Estado. Mas ainda, na Finlândia, o Estado não desistiu do seu poder de controle, que ele usa através de incentivos econômicos, do modelo de financiamento, de acordos de desempenho. E alguém já disse – e acredito que está bastante correto – que agora nosso Ministério da Educação tem mais controle sobre as universidades do que quando elas eram parte do aparelho do Estado. Afinal, os valores eram muito diferentes nas décadas de 1970 e 1980, quando as universidades eram entendidas como instituições autônomas e não se permitia que políticos e servidores públicos lidassem com tópicos acadêmicos. Agora, é através do sistema de financiamento, de diferentes instrumentos orçamentários, que nosso governo, ou o Ministério da Educação, tenta influenciar – e com bastante sucesso.

Sendo esse o novo ponto focal da relação entre universidade e Estado, quais temas, por outro lado, são deixados de fora da arena? O que não é pesquisado?

Jussi Välimaa: Eu acho que há duas questões: “o que é pesquisado?” e então “o que recebe financiamento para ser pesquisado?”. Os professores nas universidades finlandesas ainda têm liberdade acadêmica. Então, em seu próprio tempo, eles podem pesquisar qualquer tópico. E se querem ficar independentes da influência do Estado, não se candidatam a financiamento público extra e desenvolvem projetos pequenos por sua própria conta. Então, esse estado de coisas não mudou. Não está em voga, não é o desejado, mas é o que podemos fazer; e alguns fazem. Mas se você tem vários orientandos de doutorado, se você tem vários colegas que estão em contratos temporários, então você precisa começar a corrida por financiamento. Você precisa começar a se candidatar a financiamento externo, para ajudar seus orientandos, para ajudar seus colegas. E isso é o que os professores normalmente fazem, e é claro que esse financiamento externo é muito esperado e favorecido pela nossa gestão, pela nossa liderança, inclusive por mim, é claro, nesse papel. Mas não é a única opção.

Quais outros temas você diria que mereceriam mais atenção na cena acadêmica finlandesa?

Jussi Välimaa: Bem, análises críticas de gestão, de liderança. Acho que são realmente necessárias, porque nossos legisladores criaram estruturas que realmente enfatizam o papel e o poder da liderança. Penso que ela deveria ser criticamente analisada. Então, penso que também é interessante a relação entre instituições de educação superior e sociedade, como estão conectadas, como estão ligadas por redes. Bem, isso é o que estamos pesquisando em um projeto acadêmico do FIER^{xiii}. Acredito que essas são as questões básicas que são importantes para o funcionamento das universidades. O que é ensinado, o que é aprendido? Como as decisões são tomadas? Esses são temas mais amplos, como gestão e liderança. E então, é claro, acho que estruturas colegiadas ainda existem como uma camada básica na vida acadêmica. Isso também poderia ser pesquisado. Então, não tenho a sensação em minha posição atual de que estamos interditados a pesquisar qualquer coisa. Mas se espera e se apoia que pesquisemos temas que sejam relevantes para a sociedade. E estamos trabalhando nesse campo.

Como se pode ver a internacionalização na Finlândia hoje?

Jussi Välimaa: Acho isso muito interessante, pois a internacionalização veio à educação superior finlandesa na década de 1990 como uma questão que salvaria nossa sociedade, nossas universidades. Ao nos tornarmos mais internacionais, teríamos mais sucesso, mais eficiência, uma qualidade melhor. Seríamos mais tolerantes em relação aos outros, etc., não apenas nas universidades, mas como uma sociedade. E esse tipo de pensamento não desapareceu. Mas nosso governo atual tomou a decisão muito infeliz de vincular internacionalização e estudantes internacionais a tópicos de migração, como o fez a maior parte dos governos na Europa Ocidental. Isso criou novas tensões para a internacionalização, que, contudo, ainda figura com destaque na agenda do nosso Ministério da Educação. Ela não foi abandonada. Eu há pouco ouvi o discurso de uma das maiores autoridades no Ministério da Educação e, em sua agenda, a internacionalização era um tópico importante. Mas ela realmente foi enfraquecida pelo nosso governo nacional. Então, a internacionalização, como disse Frank Zappa, não está morta, só cheira estranho^{xiv}. Assim, a internacionalização não está morta, mas está em um momento e em um ambiente mais desafiadores. Mas acredito que nas universidades, a internacionalização continua a ser um tópico muito forte. E o fato de que a Finlândia se uniu à União Europeia em 1995 realmente ajudou a tornar as universidades finlandesas mais internacionais nas escalas europeia e global. Os instrumentos de financiamento da União Europeia realmente apoiam esse tipo de cooperação internacional dentro da Europa. Então, como vejo o papel da internacionalização na educação superior finlandesa? Penso que ele é muito forte. E espero que nos livremos das mensalidades para estudantes internacionais porque penso que é uma decisão muito estúpida e que não traz de

fato um grande volume de dinheiro para a Finlândia, mas nos impede de ter bons estudantes, estudantes internacionais, em nossas universidades.

Qual seria o papel da Finlândia na educação superior global?

Jussi Välimaa: A Finlândia é um ator muito pequeno na educação superior global. O papel que a Finlândia poderia desempenhar é o de tornar a educação superior livre de mensalidades. Então, esse seria um caso. O outro papel que a Finlândia, junto a outros países nórdicos, pode desempenhar na educação superior global é o de apresentar uma alternativa ao modelo anglo-americano, ao modelo francês. E por que isso? Porque nos países nórdicos, conseguimos combinar educação de alta qualidade para todos com instituições de educação superior de alta qualidade. No mundo anglo, a história normal é que quando se tem acesso universal à educação superior, tem-se uma estratificação institucional abrupta. E isso também ocorre no Oriente, na Rússia, na França, etc. Os países nórdicos são uma exceção a essa regra. Então, acho que é uma possibilidade alternativa de organizar a educação superior em uma sociedade. Esse é o papel que os países nórdicos podem desempenhar. E por que estou dizendo isso? Digo isso porque penso que não podemos imitar os modelos de outros países, mas podemos estudar como eles se desenvolveram. Podemos aprender com as experiências e então pensar: “se queremos alcançar o mesmo tipo de situação, o que devemos fazer?”. Não se trata de imitação, é mais como um processo de tradução. E é por isso que precisamos de modelos alternativos. De outro modo, seria muito fácil pensar que há apenas uma forma única de organizar a educação superior. Há milhares de consultores e professores americanos que de bom grado receberiam dinheiro de consultorias para dizer como fazer. Desculpem, meus bons colegas americanos, eu não falei de vocês (risos).

Estamos falando sobre modelos anglo-americanos que se difundem e se tornam predominantes em um contexto de globalização. Como a universidade se encaixa em um contexto que tem sido caracterizado como de “pós-globalização” e ascensão de nacionalismos?

Jussi Välimaa: Bem, em uma caracterização positiva, as universidades sempre foram nós internacionais, globais, nas redes acadêmicas. Então, as universidades sempre foram alternativas às políticas nacionalistas, porque os acadêmicos sempre tiveram contatos através das fronteiras nacionais, na maior parte dos campos. Nem todos, mas na maior parte dos campos. Não tenho certeza se entramos no período da pós-globalização. Porque, de um ponto de vista histórico, essa é talvez a terceira globalização. Primeiro, o período das caravelas, quando os europeus encontraram o resto do globo. Desde então, todas as partes do globo se conectaram. Agora, as conexões são mais velozes do que nunca, mas o fenômeno em si é antigo. E penso que nesse sentido, o que Manuel Castells^{xv} diz sobre a era da informação^{xvi} é muito verdadeiro. Talvez seja melhor que globalização. Porque estamos conectados através da mídia eletrônica.

Então, qual pode ser o papel das universidades nessa situação? Escrevemos um livro com David Hoffman^{xvii} sobre o resgate do caráter universitário^{xviii}, as universidades em sociedades do conhecimento conectadas em rede. Sugerimos que as universidades poderiam ser espaços sociais e lugares sociais para pensar de diferentes formas, para pessoas diferentes se encontrarem para se comunicarem. Porque as universidades têm redes globais, redes internacionais, mas também têm base institucional, recursos e infraestrutura para congregar pessoas e ideias diferentes. E penso que se as universidades assumem esse papel, podem desempenhar um papel em suas sociedades: conectar pessoas, conectar ideias; reunir pessoas, reunir ideias; encorajar debates amigáveis. No núcleo da boa política está o debate respeitoso. No núcleo da boa prática acadêmica está o debate respeitoso, em que podemos argumentar, podemos tentar encontrar os melhores argumentos para sustentar o que pensamos. E penso que é esse tipo de espaço social e lugar social que as universidades poderiam ser.

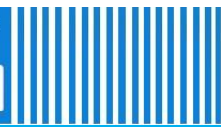
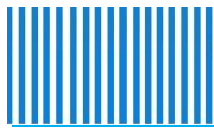
Então, estruturar valores políticos positivos.

Jussi Välimaa: Sim. Democracia, colegialidade, tolerância.

Em 2017, as instituições de educação superior finlandesas começaram a cobrar mensalidades de estudantes não-europeus matriculados em cursos em língua estrangeira. Mais tarde, no mesmo ano, o Banco Mundial publicou um relatório sugerindo que, no Brasil, instituições de educação superior públicas de ensino gratuito deveriam cobrar mensalidades de acordo com a renda familiar dos estudantes. Como as sociedades devem decidir sobre o financiamento da educação superior?

Jussi Välimaa: Se olharmos pela perspectiva econômica, há estudos que mostra que um euro, ou dólar, investido em educação superior cria 6 a 8 euros ou dólares em renda. Então, de um ponto de vista do investimento econômico, investir em educação superior é uma política racional, porque traz mais dinheiro à sociedade do que a sociedade usa na educação superior. Mas esse benefício se processa através de diferentes tipos de impostos, o que torna difícil identificá-lo. Então, essa é uma perspectiva. Outra é a da justiça social. Acho que o Banco Mundial reconhece que aqueles que se beneficiam da educação superior deveriam pagar por ela. E então, a próxima estatística que eles mostram é que a maioria dos estudantes é de classe média. Daí, eles se beneficiam da educação superior, então deveriam pagar por ela. O que é um argumento difícil de contra-argumentar em termos de justiça.

Porém, se você começa a cobrar mensalidades dos estudantes, evidências empíricas do Canadá e do Reino Unido mostram que isso favorece estudantes de classe média. Porque estudantes de classe trabalhadora, estudantes de famílias que têm escassos recursos culturais e sociais não veem o benefício de um diploma de educação superior, veem apenas o custo de uma graduação. Então, em sua mente, com facilidade, pensam: “devo gastar 10.000 dólares ou euros em um ano de educação ou devo comprar um carro novo?” ou “devo obter uma educação técnica^{xix} que leva um ou dois anos e então eu poderia ingressar no mercado de



trabalho e ganhar dinheiro?”. A experiência finlandesa mostra que aqueles que vão para a educação técnica ganham mais dinheiro do que os estudantes universitários antes dos 30 anos. Mas quando você olha para os rendimentos ao longo da vida, os estudantes universitários ganham muito mais.

Assim, cobrar mensalidades beneficia os estudantes de classe média porque, normalmente, diz-se que se deve criar programas de bolsas – e esse argumento é utilizado na Finlândia também – que ajudem os estudantes pobres a irem para as universidades. Novamente, é preciso ter conhecimento das bolsas. É preciso ter alguém que ajude com a candidatura. E se sua família não tem esses recursos, ou se você vive em um ambiente muito pobre, você não se candidata.

O quarto argumento seria o bem-estar da sociedade. Desejamos uma sociedade que tenta reduzir a desigualdade ou fortalecer a desigualdade? Se você cria um sistema com mensalidades – especialmente se elas são altas –, você cria uma sociedade que fortalece a desigualdade. E no longo prazo, todos perdem nesse tipo de sociedade: tanto os ricos como os pobres. Não imediatamente, mas no longo prazo. Mas se você tem uma sociedade que deseja reduzir a desigualdade social, você terá uma sociedade mais segura, pessoas mais saudáveis e, de certa forma, uma sociedade mais estável, uma sociedade mais justa. Então, penso que as sociedades deveriam pensar com muito cuidado se desejam cobrar mensalidades ou não. Onde elas colocam os investimentos públicos: nas armas ou na educação?

Entre as tendências que reemergiram nos anos recentes, pós-crise financeira, vemos a ideologia do Estado mínimo, da privatização e da responsabilização do indivíduo, com o enfraquecimento dos laços de solidariedade social. Qual é o caráter público da universidade e qual sua importância?

Jussi Välimaa: Penso que as universidades podem se espaços sociais que sustentam a argumentação racional na sociedade, que educam seus estudantes para a argumentação racional, apresentam a eles ideias de tolerância, de compreensão das outras pessoas; que nos ajudam a pensar melhor. Então, acho que as universidades realmente têm um papel crucial nas sociedades. E acho que esse talvez seja um argumento forte pela educação superior universal. Mas é claro, então, que as instituições de educação superior precisariam ser muito boas e não estratificadas de modo que as classes trabalhadoras vão a universidades de lixo e a elite vá às melhores universidades. E aqui, falo como uma pessoa nórdica. Acho que deveríamos ter educação de alta qualidade para todos.

Um de seus tópicos de discussão é o papel representado pela colegialidade ao fazer das universidades instituições únicas. Entre dinâmicas de corporatização, capitalismo acadêmico e globalização, como situar a colegialidade na universidade de hoje?

Jussi Välimaa: Historicamente falando, as universidades foram estabelecidas como comunidades organizadas e operadas colegiadamente. E ainda são, no sentido de que, no mundo acadêmico, tomamos decisões conjuntamente, discutimos com nossos colegas, encontramos argumentos e contra-argumentos e então, quando todos concordam sobre qual é o melhor argumento, seguimos esse argumento. Então, esse tipo de tomada de decisão colegiada nas práticas do trabalho acadêmico, no ensino e na pesquisa, ainda é a base fundamental da universidade. Esse é meu argumento. A colegialidade também se baseia no consenso. Então, quando discutimos, o melhor argumento vence. É diferente da tomada de decisão política, que se baseia em votação e em que basicamente a maioria está correta. Na colegialidade, quando todos concordam é que se define o que será seguido. Isso significa que esse é um processo de tomada de decisão mais complicado e mais lento. Mas os resultados são normalmente melhores, porque as pessoas se comprometem com as decisões tomadas. Então, esse tipo de entendimento da colegialidade como a camada básica de funcionamento das universidades é focal para mim. Daí que deveríamos restabelecer os processos colegiados e respeitá-los, porque é assim que as universidades funcionam. Penso que entender esse valor básico pode por si só mudar as universidades, ao menos um pouco. Porque, independente da gestão ou liderança ou sistema de gestão, é possível introduzir práticas colegiadas. Nossos gestores, que agora têm muito poder, podem ter órgãos colegiados com quem discutir e então, após debate, executar uma decisão. Princípios colegiados poderiam ser seguidos nos conselhos universitários mesmo eles sendo órgãos muito políticos que normalmente seguem princípios de votação. Mas que tal considerar a alternativa?

Você desenvolveu um trabalho consistente e estabeleceu uma sólida carreira na área da educação superior, representada pela sua posição atual à frente do FIER. O que universidades e acadêmicos devem representar hoje?

Jussi Välimaa: Penso que devemos defender a tolerância, a sociedade democrática, o que significa também uma sociedade aberta. Porque em uma sociedade aberta, é possível debater diferentes assuntos. Não a sociedade aberta no sentido político da esquerda, mas a sociedade aberta democrática. E também, a alta qualidade que emerge dos processos colegiados. Mas penso que já preguei sobre essas coisas que acho que são importantes: tolerância; debates intelectuais; pesquisa de alta qualidade, que se baseia em critérios acadêmicos e não em critérios políticos; independência da universidade em relação aos processos políticos de tomada de decisão. Ainda apenso que a liberdade acadêmica e a autonomia institucional são as melhores garantias para universidades de alta qualidade e que, se as universidades tiverem a mais alta qualidade, então beneficiarão a sociedade. Mas não penso que alta qualidade acadêmica é mecânica ou um mecanismo. É antes o resultado de bons processos nas universidades. E penso que no coração dos bons processos nas universidades está a colegialidade.

O que você gostaria de dizer aos brasileiros sobre seu trabalho atual?

Jussi Välimaa: Meu trabalho acadêmico atual? Bem, escrevi um livro sobre a história da educação superior finlandesa dos tempos medievais até o século XXI. Então esse livro está para sair e nele minha perspectiva é olhar para as universidades como parte das sociedades: como a relação com a sociedade mudou, que tipos de estudantes tiveram, que tipos de acadêmicos tiveram, como as decisões foram tomadas nas universidades. Olho para as universidades como instituições sociais em sociedades, que foram influenciadas pela sociedade, mas que também influenciaram a sociedade. Esta é minha perspectiva e tenho planos de publicar o livro também em inglês. É o meu trabalho principal nos últimos dez anos. Depois, vou editar um periódico de acesso aberto sobre igualdade e acesso à educação superior. Vou coordenar a publicação de uma edição especial sobre a natureza da pesquisa educacional na Finlândia porque nosso Instituto celebrará seus 50 anos de existência em 2018. Então, isso é o que faço academicamente. E alguma escrita menor.

Obrigado.

Jussi Välimaa. Obrigado.

Agradecimentos

O entrevistador agradece às professoras Célia Caregnato e Denise Leite, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como ao avaliador anônimo “A”, por suas sugestões de melhorias no texto. Igualmente, agradece ao povo finlandês, através da Finnish National Agency for Education (EDUFI), e ao povo brasileiro, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela possibilidade de realização de seus estudos doutorais, dos quais esta entrevista constitui parte.

ⁱ Sobre o entrevistado e entrevistador

Bernardo Sfredo Miorando

E-mail: bernardo.sfredo@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7556-1684>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Brasil; University of Jyväskylä - Finlândia
Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Jussi Välimaa

E-mail: jussi.p.valimaa@jyu.fi / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0907-1238>

University of Jyväskylä - Finlândia

PhD in Social Policy by the University of Jyväskylä

NOTAS

ⁱⁱ Diferentemente do Brasil, na Finlândia, o que se designa por “licenciatura” é uma formação pós-graduada, intermediária entre o mestrado e o doutorado. Em décadas anteriores, era costumeiro obter o grau de licenciado, ou licenciada, antes do doutorado. Atualmente, essa formação é cada vez menos comum.

ⁱⁱⁱ Aqui o entrevistado não está simplesmente descrevendo sua constituição física mas sinalizando que reconhece a importância da prática da autorreflexividade sobre a posicionalidade nos estudos críticos de ciências humanas

e sociais no Brasil. Nesse sentido, está destacando de modo autocrítico como a convergência de categorias de raça, gênero e idade favoreceu suas realizações, inclusive sua atual posição de liderança.

^{iv} *Écoles normales supérieures* são um tipo específico de instituição de educação superior francesa conhecido por alta seletividade e vagas limitadas, assim como por conduzir pesquisa e treinamento de pesquisadores de ponta no país. Há apenas quatro instituições pertencentes a essa categoria e se espera que os egressos dominem uma excelente cultura literária e científica e que ocupem posições de liderança no setor público.

^v Simon Marginson é Professor de Educação Superior Internacional no Institute of Education do University College London e Diretor do Centre for Global Higher Education. Ele é conhecido por seus estudos na sociologia da educação superior global.

^{vi} A ironia da frase está em haver apenas cinco países nórdicos: Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia. O “modelo nórdico de universidade”, assim, seria composto por um conjunto de exceções.

^{vii} A primeira universidade na Finlândia foi fundada durante o domínio sueco, em 1640. Desde então até o século XX, a educação superior finlandesa esteve conectada à Igreja Luterana, sendo, portanto, uma instituição vinculada à cristandade.

^{viii} Os *fennomans* compunham um movimento cultural-político nacionalista da Finlândia que se desenvolveu durante o século XIX, quando o país era um Grão-Ducado da Rússia.

^{ix} A categorização do Finnish Publication Forum funciona mais ou menos como sistema Qualis brasileiro. Ela classifica periódicos acadêmicos, séries de livros, conferências e editoras em três notas: 1 (nível básico), 2 (nível de liderança) e 3 (nível superior). Publicações que não satisfazem os critérios recebem nota 0. Há 23 comitês de área.

^x O sistema de educação superior finlandês é binário, composto por universidades e politécnicas, também conhecidas como “universidades de ciências aplicadas”. Essas instituições focam em áreas aplicadas, conferindo apenas os graus referentes a bacharelado e mestrado profissional.

^{xi} Universities Finland (UNIFI) é uma organização para cooperação entre as universidades finlandesas que sucede o Finnish Council of University Rectors e congrega todas as 15 universidades finlandesas.

^{xii} SOTE vem das palavras *sosiaali* (social) e *terveys* (saúde) e a reforma SOTE se refere a mudanças no Sistema de governo regional, saúde e serviços sociais na Finlândia.

^{xiii} O referido projeto acadêmico do FIER se chama “Acadêmicos egressos em sociedades do conhecimento em rede” (EANKS, na sigla em inglês) e investiga como pesquisadores e docentes que deixaram as universidades se relacionaram em rede na sociedade e na vida econômica finlandesas.

^{xiv} Um dos versos da canção Be-Bop Tango, de Frank Zappa, é “Jazz is not dead, it just smells funny”, ou seja, “o jazz não está morto, ele apenas cheira estranho”.

^{xv} Manuel Castells é Professor de Sociologia na Open University of Catalonia; Professor de Tecnologia da Comunicação e Sociedade na University of Southern California; Professor Emérito de Sociologia e de Planejamento Urbano e Regional na University of California-Berkeley; *fellow* do St. John’s College, University of Cambridge; e ocupa a cátedra de Sociedade em Rede at the Collège d’Études Mondiales. Ele é conhecido por sua teorização da sociedade em rede.

^{xvi} De acordo com Manuel Castells, desde a década de 1970, uma era da informação se desenvolveu a partir da sociedade industrial, estruturando as relações sociais em torno do fluxo de informações em redes baseadas na tecnologia digital e colocando a informação no centro da economia e da cultura.

^{xvii} David Hoffman é Pesquisador Sênior no Instituto Finlandês de Pesquisa Educacional da University of Jyväskylä. Ele trabalha com temas da educação superior comparada internacional tais como migração, mobilidade e internacionalização.

^{xviii} HOFFMAN, David M.; VÁLIMAA, Jussi (Eds.). **Re-becoming universities?** The changing academy – the changing academic profession in international comparative perspective. Dordrecht: Springer, 2016.

^{xix} No original, “vocational training”, termo que não é comumente usado no contexto da educação superior brasileira. A ideia se traduz de alguma forma para o contexto brasileiro através das ideias de educação técnica e tecnológica.